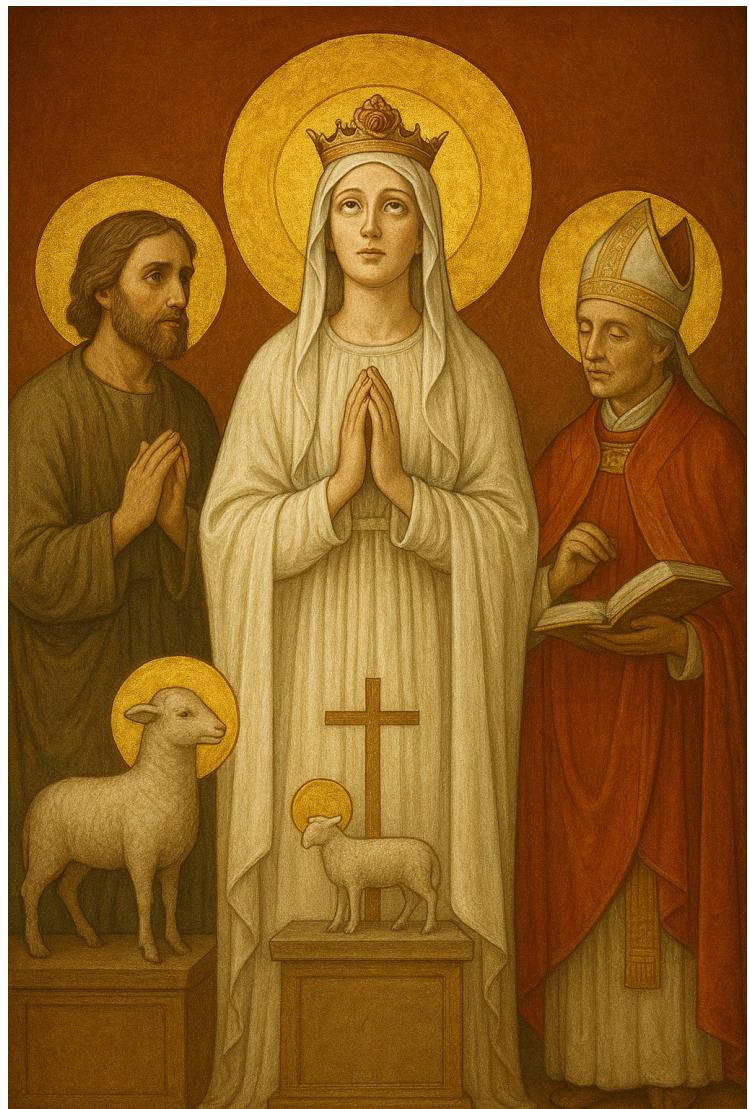


Marias do Silêncio

Entre a Contemplação e a Interpretação



Prólogo

Este trabalho nasceu de uma sequência de perguntas:

O que é o silêncio?

Por que ele fascina tanto e, ao mesmo tempo, assusta?

E por que Maria, entre todas as figuras espirituais, é chamada *Nossa Senhora do Silêncio*?

A pesquisa foi construída a partir dessas interrogações. Cada parte responde a uma camada da mesma busca: o silêncio como conceito, o silêncio como vivência em Maria, o silêncio como manifestação divina e o silêncio como linguagem da arte. O percurso termina onde tudo começou: na prática — no convite a viver o silêncio não como ausência, mas como presença de Deus.

Mapeamento dos outros “silêncios”

Desde a filosofia até a cultura contemporânea, o silêncio assume muitas formas: catequético, racional, midiático, religioso. Cada uma delas revela algo sobre o homem moderno — sua sede de sentido e seu medo do vazio.

1. **Silêncio filosófico** – desde a antiguidade até filósofos modernos. Alguns exemplos:

- **Catequético/espiritual**: silêncio como preparação para o encontro com Deus (Patrística, Plotino).
- **Racional/niilista**: Kant, Wittgenstein, Nietzsche. Aqui o silêncio é **desconstrução do mundo, limitação da linguagem, questionamento da existência ou de Deus**. É frio, conceitual, às vezes opressor.

2. **Silêncio midiático / hiperativo-consumista** – silêncio visto como:

- “vazio”, “branco”, “falta de contexto”, “sem ideias”.
- O FOMO (Fear of missing out) e a pressão das redes sociais capitalizam esse vazio, transformando o silêncio em desconforto ou sensação de perda.
- **Silêncio falso ou forçado**, que não reconecta, apenas deixa a pessoa exposta ao barulho externo.

3. **Silêncio religioso / contemplativo genérico** – encontrado em várias tradições religiosas:

- Monasticismo, práticas de meditação, contemplação: silêncio como **presença consciente, atenção plena, escuta de Deus**.
- Aqui o silêncio já se aproxima do de Maria: não é vazio, mas **ativo, intencional, interiormente fecundo**.

Mas há um silêncio que não se explica pela razão nem pela psicologia: o silêncio que acolhe o mistério. É nele que surge a figura de Maria.

Desvendando o silêncio de Maria

O silêncio de Maria não é só um gesto bonito de pintura ou uma pose contemplativa. É **silêncio ativo, contemplativo, cheio de atenção e de presença**.

Maria não é apenas uma mulher que se cala; é alguém que escuta, confia, permanece. Em seus vários silêncios — da escuta, da obediência, da humildade, da contemplação, do sofrimento, da espera e da glória — ela ensina que o silêncio é o espaço onde a Palavra de Deus ganha corpo.

1. Silêncio da Escuta

Maria se cala para ouvir, e nesse calar nasce a fé. A escuta verdadeira exige esvaziar-se do próprio ruído interior — das opiniões, das urgências, do “eu sei”. Psicologicamente, é o primeiro passo para a maturidade espiritual: abrir espaço interno para o outro. Teologicamente, é o terreno onde a Palavra se encarna. Em Maria, o silêncio não é falta de voz, é condição de revelação.

2. Silêncio da Obediência

“Faça-se em mim segundo a tua palavra” é o sim que muda a história. Maria obedece porque confia — e confiança é a forma mais alta da inteligência espiritual. Não é submissão cega, é adesão lúcida à vontade de Deus. Na alma humana, esse silêncio ensina que agir nem sempre é responder; às vezes é consentir com o invisível e deixar que o tempo revele o sentido.

3. Silêncio da Humildade

No Magnificat, ela exalta a grandeza de Deus, não a própria. A humildade é o silêncio do ego. Quem se conhece profundamente cala as autopromoções e deixa transparecer o essencial. Esse silêncio desarma o narcisismo moderno — o mesmo que o barulho das redes sociais alimenta. Maria é o espelho limpo onde Deus se reflete, porque não há nela distorção.

4. Silêncio da Contemplação

Em cada mistério vivido — o presépio, a vida oculta de Nazaré, a cruz — Maria contempla. Contemplar é olhar sem possuir, amar sem exigir, compreender sem dominar. É o oposto da ansiedade por respostas. Espiritualmente, é o silêncio que transforma o olhar em oração. Psicológicamente, é o estado de presença plena, onde o real se torna sagrado.

5. Silêncio do Sofrimento

Diante da cruz, Maria não fala, mas permanece. Seu silêncio é feito de lágrimas contidas e fé inquebrantável. É o silêncio que não nega a dor, mas não a transforma em revolta. Nessa dimensão, o sofrimento deixa de ser absurdo e vira comunhão: Deus sofre com o homem, e Maria participa desse mistério. É a pedagogia da dor vivida com sentido.

6. Silêncio da Espera

Entre o sábado da morte e a manhã da ressurreição, há o silêncio mais duro: o da ausência de Deus. Mesmo sem ver, ela crê. Esse é o silêncio da alma madura — o da confiança no invisível. No mundo do

imediatismo, esperar é resistência espiritual. Maria representa o humano que, mesmo sem provas, continua fiel ao que o coração sabe ser verdade.

7. Silêncio da Glória

Na Assunção, o silêncio se transforma em plenitude. Já não há necessidade de palavras, porque tudo foi dito pela vida. É o silêncio do amor consumado, onde a comunhão substitui o discurso. Teologicamente, é o retorno da criatura ao Criador; psicologicamente, é o ápice da integração: o eu reconciliado com o divino. Em Maria, o silêncio chega à sua forma mais alta — a paz absoluta.

O silêncio de Maria não é ausência, mas plenitude. Nele, a palavra se faz carne e o mistério se faz presença. Através de seus gestos silenciosos, Maria revela o modo de existir do próprio Deus — discreto, paciente, essencial. Seu silêncio educa o coração humano a confiar quando não há respostas, a permanecer quando tudo vacila, a esperar quando tudo parece perdido.

Quando o mundo grita — **ela escuta**.

Quando o medo exige controle — **ela confia**.

Quando o ego quer se afirmar — **ela se cala e serve**.

Quando a dor parece absurda — **ela permanece de pé**.

Quando tudo parece perdido — **ela espera**.

Quando tudo se cumpre — **ela se recolhe na glória silenciosa, sem triunfalismo**.

Esse é o itinerário do silêncio cristão: não fuga, mas fidelidade. Em Maria, o silêncio não é um refúgio, é um **sim contínuo**, pronunciado com o coração inteiro.

Se em Maria o silêncio é interior e encarnado, em Knock ele se torna visível: um silêncio que se manifesta como teofania.

Nossa Senhora do Silêncio em Knock: uma teofania de graça e silêncio

Depois de compreender o silêncio de Maria como espaço de revelação interior, o próximo passo é observar quando esse silêncio se torna visível: o momento em que o divino rompe o ordinário e se manifesta sem palavra — a teofania de Knock.

O termo **teofania** designa a **manifestação direta do sagrado**, quando o divino se revela sem a mediação de linguagem, ritual ou interpretação humana. É uma irrupção que parte de Deus em direção ao homem. A experiência não depende de predisposição psíquica nem de ambiente emocional coletivo; ela se impõe como realidade objetiva, cuja principal marca é a **transformação moral e espiritual** do sujeito que a testemunha.

Já os **fenômenos parapsicológicos** pertencem a outra ordem. A **parapsicologia** busca compreender manifestações que parecem ultrapassar os limites conhecidos da mente humana — telepatia, clarividência, psicocinesia, visões subjetivas ou experiências extracorpóreas. Em todos esses casos, o foco está na **ação humana sobre o meio**, ainda que de modo inconsciente. O fenômeno parte do sujeito, não do transcendente.

Confundir as duas realidades é colocar o **extraordinário humano** no mesmo nível do **mistério divino**, o que dissolve a fronteira entre o que nasce da mente e o que vem do alto. A teofania é iniciativa divina: o homem não a provoca, apenas a recebe.

Como observava o padre Óscar Quevedo, é **legítimo investigar racionalmente fenômenos extraordinários, mas é preciso distinguir entre o que nasce da mente e o que vem de Deus**. Misturar ambos é reduzir o mistério a mera função neurológica — e isso empobrece tanto a ciência quanto a fé.

Padrão geral das teofanias:

A teofania tem um padrão estrutural que a distingue de visões místicas ou fenômenos psíquicos. Quando se tira o verniz devocional e olha friamente o conteúdo, o formato é quase invariável.

1. Iniciativa divina.

A teofania nunca parte do homem. Não é fruto de técnica, oração insistente ou êxtase místico. É Deus que toma a iniciativa. Moisés não procurava uma sarça ardente (Êx 3), Isaías não planejou ver o trono celeste (Is 6), Saulo não pediu uma luz cegante (At 9). A aparição rompe a rotina do tempo e irrompe sem aviso.

2. Mediação sensível.

A manifestação acontece por meio de sinais físicos perceptíveis, mas que não se reduzem a fenômenos naturais. Fogo que não consome (Êx 3,2), nuvem luminosa (Mt 17,5), som e luz simultâneos (At 9,3-4), ou visões de glória (Ez 1). São elementos da criação, porém transfigurados.

3. Comunicação objetiva.

A teofania transmite uma mensagem concreta, geralmente uma missão, correção ou revelação. Deus fala, direta ou indiretamente, e o conteúdo tem coerência com a revelação anterior. Nunca é vago, poético ou autocentrado — ao contrário das experiências místicas subjetivas, que focam o sentimento do sujeito.

4. Temor e queda.

A reação imediata é o temor reverente, quase paralisante. O homem toma consciência de sua pequenez diante da santidade divina. Isaías exclama “Ai de mim!” (Is 6,5); Ezequiel cai com o rosto em terra (Ez 1,28); os discípulos, no Tabor, prostram-se de medo (Mt 17,6).

5. Restauração e envio.

O contato com o divino purifica e transforma. O medo é seguido de missão: Moisés é enviado ao Egito, Isaías ao profetismo, Saulo ao apostolado. Ou seja, a teofania não termina no êxtase, mas na ação moral e espiritual.

6. Testemunho e continuidade.

O evento gera testemunho público e consequências históricas. Não é experiência privada para edificação pessoal, mas momento que redefine a relação de Deus com seu povo ou com o mundo.

Esse padrão é o que diferencia a teofania de experiências psicológicas, alucinatórias ou de estados alterados de consciência. Nessas, o conteúdo é centrado no sujeito; na teofania, o centro é Deus e sua vontade.

Contexto da aparição

Em 21 de agosto de 1879, na aldeia de Knock, condado de Mayo, Irlanda, Nossa Senhora, São José e São João Evangelista apareceram em gratidão às 100 missas rezadas pelo padre Bartholomew Cavanah pelas almas do purgatório. Cada missa possui um valor espiritual infinito, como observa São João Maria Vianney: elas alegram o céu, aliviam as almas sofridas e atraem graças sobre a Terra.

A centésima missa foi celebrada na humilde igreja dedicada a São João Batista, com capacidade para apenas 30 pessoas. Naquela noite, Mary McLoughlin e Mary Beirne, empregadas locais, notaram três imagens iluminadas e um altar que antes não existiam. Ao entrarem na igreja, viram claramente a Santíssima Virgem com túnicas brancas, mãos e olhos voltados ao céu, e uma coroa dourada com uma rosa sobre a testa. À sua direita, São José, sereno e reverente, descalço, e à esquerda, São João Evangelista, com vestes de bispo, mitra e livro aberto, como se pregasse silenciosamente. Atrás do altar, o Cordeiro de Deus e uma cruz completavam a cena.

No total, 15 pessoas testemunharam a teofania, descrevendo-na como tão real que parecia ter corpo físico. O silêncio absoluto de todos os presentes deu origem ao título: Nossa Senhora do Silêncio. A aparição durou cerca de duas horas, durante as quais os fiéis rezaram diante das imagens até que desapareceram.

Milagres e reconhecimento da Igreja

Após a teofania, milhares de peregrinos visitaram a pequena igreja. Muitos relataram curas ao tocar as paredes próximas ao local do milagre, totalizando mais de 300 casos documentados pelo padre Cavanah. Em 1936, a Igreja Católica reconheceu oficialmente o evento. Em 1979, no centenário da aparição, o papa João Paulo II abençoou o local, e, em 2021, o Papa Francisco reconheceu o Santuário de Knock como Santuário Internacional Eucarístico e Mariano.

Simbolismo da teofania

A força teológica de Knock está justamente no que falta: o som. A aparição é **uma teofania sem voz**, uma manifestação direta do sagrado que se impõe não pela fala, mas pela **presença**. Cada elemento da visão carrega um significado simbólico preciso:

1. Nossa Senhora no centro.

Ela está ereta, com os olhos voltados ao céu e as mãos elevadas. É a **intercessora universal**, mediando entre o Céu e a Terra. Mas aqui, não fala. O silêncio dela é ativo: é o silêncio da contemplação e da oferta. O centro não é ela mesma, mas o **Cordeiro sobre o altar**, que representa Cristo imolado. Ela é o eixo de adoração silenciosa.

2. São José à direita.

Inclinado em reverência, é o modelo da **humildade silenciosa** e da **fé operante**. É o “homem do silêncio” por excelência — não há uma palavra dele nos Evangelhos, mas há obediência constante. Sua presença reforça o tema da fé que age sem falar.

3. São João Evangelista à esquerda.

Ele é o **teólogo do Verbo**, o que viu a glória e escreveu o Apocalipse. Na aparição, parece em

atitude de ensinamento, apontando para o Cordeiro. É o **intérprete do mistério**, o que recorda que o sacrifício do Cordeiro é o centro da história.

4. O Cordeiro sobre o altar.

Aqui está o coração da teofania: a **Eucaristia como presença real de Cristo**. É o ponto onde o divino toca o mundo, o verdadeiro Sinai da nova aliança.

O conjunto é uma **liturgia cósmica condensada em imagem**: a comunhão entre Céu e Terra, mediada pela adoração silenciosa. É uma teofania no sentido pleno — manifestação direta de Deus através de sinais sensíveis, cuja mensagem se comprehende não pela audição, mas pela contemplação.



Contexto histórico e resposta divina

A aparição ocorre no auge da **revolução industrial** e do **materialismo moderno**. O homem ocidental se tornava senhor das máquinas e escravo do próprio progresso. A fé rural da Irlanda — marcada pela pobreza e pela devoção — confrontava-se com a secularização e o desprezo pelo sagrado. Nesse cenário, Knock aparece como **contradiscorso teológico**: enquanto o mundo exalta o ruído da técnica, o Céu responde com **silêncio adorador**.

A cena é simbólica até na sua composição social: camponeses pobres contemplam um altar celeste enquanto as elites urbanas cultuam o lucro. Knock é o protesto silencioso de Deus diante do barulho humano. Não há novas palavras porque a **Palavra já se fez carne**; resta apenas contemplar e adorar.

A voz da Igreja: *Rerum Novarum*

Doze anos depois, em **1891**, o Papa **Leão XIII** publica a encíclica *Rerum Novarum*, que inaugura a doutrina social da Igreja. O texto pontifício denuncia as injustiças do capitalismo industrial e reafirma a dignidade do trabalhador, o direito à propriedade moderada, ao repouso e à solidariedade social.

Há um **paralelo simbólico e espiritual** entre Knock e *Rerum Novarum*:

- Knock representa o **gesto contemplativo do Céu**;
- *Rerum Novarum* traduz esse gesto em **ação moral e social da Igreja**.

A aparição mostra o Cordeiro no altar, recordando o **sacrifício redentor**; a encíclica recorda que esse mesmo sacrifício exige uma ordem social justa. Um revela o **mistério**, o outro define a **responsabilidade**. Entre ambos, há uma única mensagem: “**sem silêncio diante de Deus, o homem se torna surdo à própria dignidade**”.

Esse mesmo silêncio, que em Knock desce do Céu, ganha corpo e permanência na arte sagrada do Oriente: o ícone.

Santuário Madonna del Silenzio

O Ícone de Maria, Mãe de Deus, a Virgem do Silêncio

Há algum tempo, um ícone da Mãe de Deus, com o dedo nos lábios num gesto que convida ao silêncio, tem circulado amplamente e despertado curiosidade. Gostaríamos que ele inspirasse, antes de tudo, uma oração confiante. Aos poucos, rompemos o silêncio para responder a quem tem perguntas. Fazemos isso com alegria, porque geralmente não se trata de mera curiosidade, mas de afeição — despertada por uma imagem que tocou o coração e, talvez, transmitiu graça.

O início

O padre Emiliano Antenucci, frade capuchinho do convento de Guardiagrele, em Abruzzo, conta como nasceu seu chamado à missão do silêncio.

Em 2008, o padre Antenucci escreveu espontaneamente *O Livro da Vida*, pois já estava mergulhado no tema do silêncio desde os 19 anos. Desde menino, sonhava ser missionário na Amazônia — e se não fosse pela experiência entre as vítimas do terremoto de Áquila, em 2009, talvez esse sonho tivesse se realizado.

Durante cinco meses, viveu na cidade de tendas de Onna, junto aos desabrigados pelo terremoto de 6 de abril. Era o final do verão de 2009. Ali, convivendo com o sofrimento e o ruído da perda — o oposto do que estudava —, rezou um dia inteiro diante do Santíssimo Sacramento e clamou:

“Senhor, o que queres que eu faça?”

Foi justamente ali, no epicentro do barulho, que chegou a carta da abadessa Anna Maria Cànopi com a frase:

“Hoje, a única resposta de que o mundo precisa é o silêncio.”

Não era poesia, mas uma sentença espiritual e social: não há palavras adequadas para tanto ruído.

Em 2010, após concluir um período de aprofundamento de quase um ano sobre a vida contemplativa em vários mosteiros — incluindo toda a Quaresma na Certosa di Serra San Bruno —, ele lançou o curso espiritual *Silêncio, o Silêncio Fala*.



Abadessa Anna Maria Cànopi

Desde o início desses cursos, Frei Emiliano promoveu a devoção à Virgem do Silêncio, inspirada numa imagem copta do século VIII, que mais tarde foi reescrita em forma de ícone, a pedido dele, no mesmo mosteiro beneditino onde vivia Madre Cànopi.

Essa imagem chegou ao Papa Francisco por outros meios, em 2015. O Pontífice ficou impressionado com o ícone e o colocou entre os dois elevadores da entrada principal do Palácio Apostólico, no pátio de San Damaso — por onde todos passavam para falar com ele em seu escritório particular. No verso, escreveu de próprio punho:

“Não fale mal dos outros!”



Igreja de São Francisco de Assis – Frei Emiliano



Frei Emiliano, seus confrades e todos sob seus cuidados pastorais receberam então uma bênção apostólica pessoal.

Desejando promover essa devoção, o Papa Francisco, após um encontro com Antenucci em 22 de março, enviou uma carta ao provincial dos Capuchinhos dos Abruzzos pedindo:

“Seria bom encontrar um lugar, uma igreja, onde possamos dar culto público a Nossa Senhora do Silêncio.”

Com a autorização do Ministro Geral da Ordem, Frei Emiliano e o provincial buscaram o local adequado e identificaram a Igreja de São Francisco de Assis e o Convento Capuchinho em Avezzano (AQ), abandonado há dez anos.

Após inúmeras cartas, ligações e reuniões entre o Papa e Frei Emiliano, o Santo Padre abençoou o projeto e entrou em contato com o bispo Pietro Santoro, de Avezzano, que acolheu com alegria a criação do novo Santuário em sua diocese.

O que é um ícone

Um ícone não é simplesmente uma pintura religiosa. Diferente da arte ocidental, que a partir de 1300 abandonou esse conceito, o ícone não busca reproduzir o que se vê com os olhos ou a emoção causada pela realidade contemplada. Ele é uma *invocação da Presença* daquilo que é representado, e ao mesmo tempo, uma resposta do Senhor:

“Então clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui.”
(Isaías 58:9)

O ícone é literalmente uma *representação*, uma oração que passa pela materialidade das cores, formas e linhas. Ele favorece um verdadeiro encontro com o Senhor, com a Mãe de Deus e com os Santos para quem se aproxima com fé. Por isso, é considerado um sacramental.

O Segundo Concílio de Niceia (787) reconheceu sua legitimidade e eficácia, afirmando que “quem venera o ícone, venera a realidade daquele que ele representa.”

Por que o ícone é sacramental

O caráter sacramental vem da coexistência de elementos próprios à sua composição:

1. **A bênção da Igreja**, que consagra a obra para que ela comunique graça.
2. **A inscrição do nome** do representado, que cria uma relação viva com a realidade espiritual.
3. **O modo de escrita do ícone**, que segue os cânones da Igreja e é acompanhado de oração contínua.
4. **A vida do iconógrafo**, marcada por purificação e conversão constante.

Processo e significado

O ícone é feito com a técnica antiga da têmpera de ovo: pigmentos minerais e orgânicos misturados à gema são aplicados sobre madeira coberta por tecido e camadas de gesso. Assim, a matéria da criação se torna veículo da Presença divina, continuando a lógica da Encarnação — Deus que se faz humilde na matéria.

Os rostos têm tons dourados, indicando a humanidade transfigurada. As proporções e expressões seguem regras simbólicas: olhos ampliados para o invisível, testas altas para o pensamento contemplativo, luzes geométricas para a perfeição espiritual.

As cores também têm sentido:

- **Túnica azul-esverdeada:** humanidade de Maria.
- **Manto púrpura:** divindade que a envolve.
- **Ouro:** luz divina, atemporalidade, Reino de Deus.
- **Três estrelas:** virgindade perpétua de Maria — antes, durante e depois do parto.

Como nasceu o ícone da Mãe de Deus, Virgem do Silêncio

A iconografia não busca originalidade, mas fidelidade teológica. No caso da Virgem do Silêncio, não havia modelo bizantino antigo. A primeira inspiração veio de um afresco copta do século VIII, representando Santa Ana com o dedo sobre os lábios.

Frei Emiliano pediu às beneditinas da Ilha de San Giulio que criassem uma versão meio-corpo, com base nesse modelo e no ícone anterior pintado por Gianmario Carozzi. A iconógrafa, após discernimento, manteve o gesto: o dedo nos lábios — sinal de contemplação e escuta do Mistério.

Maria, mais do que ninguém, carrega o Verbo eterno dentro de si. Seu silêncio é adoração.

O ícone também sugere o caminho espiritual: o filete dourado de seu manto se transforma em uma estrada, símbolo do percurso humano guiado por Deus. Ele sobe, desce, desaparece e reaparece — como a própria vida de fé.

No ponto onde o braço direito de Maria se eleva, o caminho se interrompe e exige um salto: o salto do silêncio, da confiança. É o convite de Maria:

“Guarda a Palavra no coração. Quando não souberes como continuar, cala-te. Deixa-te conduzir pelo amor. Então, encontrarás o caminho e verás o meu rosto.”

Conclusão

Graças têm sido atribuídas ao ícone da Virgem do Silêncio.

As monjas que o escreveram descrevem o processo como oração encarnada:

“O ícone cria-se sozinho. Trabalhamos mais por querer estar com Ela do que por demora no resultado. A presença se manifesta — e quando chega, sabemos. O resto flui.”

Uma delas resume:

“Escreves o ícone, e o ícone te escreve.”

Cada tábua é mergulhada na oração da comunidade.

O ícone é entregue abençoados, com a súplica de que quem o contempla receba *cura, consolação, misericórdia e paz de Deus*.

Tudo está ali. Só falta uma coisa: ativar com fé.

Testemunho de uma monja iconógrafa

Sou uma monja beneditina da Ilha de San Giulio, pela graça de Deus há muitos anos no mosteiro. Comecei a escrever ícones em 1992, um ano após minha profissão solene. Tem sido graça sobre graça. Não tenho formação artística — sou graduada em Letras Clássicas. Sempre tive uma inclinação para o desenho, especialmente rostos, e desde o jardim de infância enchia cadernos e folhas soltas com eles. Mas nunca tinha usado pincéis, exceto os de cair paredes — uma habilidade esplêndida que aprendi no mosteiro.

Confesso logo que, quando recebi o convite para falar sobre minha maneira de realizar um ícone (ou melhor, *escrevê-lo*), minha vontade foi decepcionar, não enganar. Minha falta de formação artística, na verdade, poderia até animar outros a tentar a iconografia. O caminho de cura interior — ou seja, de conversão incessante — que se uniu à escrita dos ícones em minha vida, talvez desperte esse mesmo desejo: “se não é preciso preparação especial e faz bem ao espírito, então também quero tentar!” Mas não é tão simples assim.

Disse desde o início: sou monja. E essa é, de fato, a graça fundamental para mim. Com o tempo, dia após dia, venho aprendendo — sem jamais terminar — a buscar o rosto do Senhor em tudo e acima de tudo: no cansaço e no trabalho pesado, nas verduras a limpar, na obediência das pequenas coisas, na fidelidade renovada à oração, na comunhão que precisa ser construída e reconstruída continuamente com as irmãs. Sobre essa experiência vivida, o dom de Deus floresceu livremente — mas não pode ser exigido.

Lamento quando a iconografia é transformada em um “símbolo de status” espiritual: isso deturpa seu sentido. E buscar cura interior na arte, em vez do serviço humilde da vida cotidiana, é permanecer eternamente doente de egocentrismo. Desculpe se as premissas parecem banais, mas os ícones são feitos de terra. E é na terra que a luz do Rosto irradia.

A iconografia é um trabalho belíssimo. Mas a verdadeira beleza está na experiência que a origina: crescer em comunhão com o Senhor através da vida diária. Em resumo, não quero tornar minha atividade no mosteiro algo mais espiritual do que as tarefas das minhas irmãs ou das pessoas que buscam o Senhor de todo o coração, alma e força em suas ocupações comuns. Mas é verdade que é um trabalho especial. Só não diga isso em voz alta!

Você escreve o ícone, e o Ícone escreve você.

Desde o momento em que se busca a tábua adequada para o tema e para as pessoas a quem o ícone se destina, ele já se torna comunhão de oração com os fiéis que o pediram e invocação da Presença para aqueles a quem será destinado.

Depois, chega a hora de trabalhar — já tendo preparado as tábua de madeira de tilia com a tela e as várias camadas de gesso de Bolonha misturado com cola de coelho. Toda a nossa vida monástica é oração e ascese, especialmente por meio da autonegação constante. Por isso, não quisemos nos diferenciar da comunidade com jejuns especiais ligados ao nosso serviço como iconógrafas.

Todas as monjas iniciam o trabalho com uma oração; nós também. Rezamos a antiga oração do iconógrafo, que expressa bem a consciência de sermos apenas instrumentos nas mãos do Divino Artesão, pedindo a Ele a purificação de todo o nosso ser para que nos tornemos instrumentos dignos.

E começamos... sabendo que não sabemos, que não sabemos fazer.

A arte, afinal, também fala sua própria língua do silêncio. E é nesse ponto que Oriente e Ocidente se encontram — ou se desencontram.



Knock x Ícone: Ocidente e Oriente pela Arte

No Ocidente, o artista interpreta o Evangelho e traduz o divino em narrativa, emoção e cor.

No Oriente, o iconógrafo não interpreta — ele ora e obedece aos cânones.

O primeiro fala sobre Deus; o segundo deixa Deus falar por si.

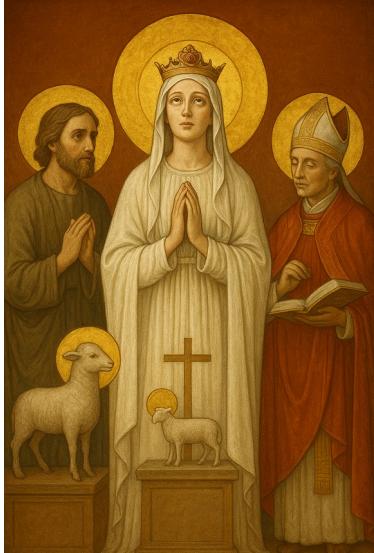


Imagen gerada por IA – Teofania de Knock

- **Ocidente (Knock/pintura religiosa):** o artista **precisa entender o Evangelho** e transformar esse conhecimento em imagens. Ele interpreta, decide como contar a história. Busca **naturalismo**, emoção, narrativa. Usa luz, volume, textura. O foco é a **experiência sensível**, não o mistério espiritual. É estética, não sacramento. A obra depende do olhar humano que **traduz o divino para os outros**.
- **Oriente (Ícone):** o artista **não interpreta**. Ele escuta a tradição, segue os cânones e **escreve** a partir da oração. A obra não é sobre “contar” ou “explicar”, mas sobre **tornar presente o que já foi revelado**.

Cada gesto, cor, perspectiva invertida

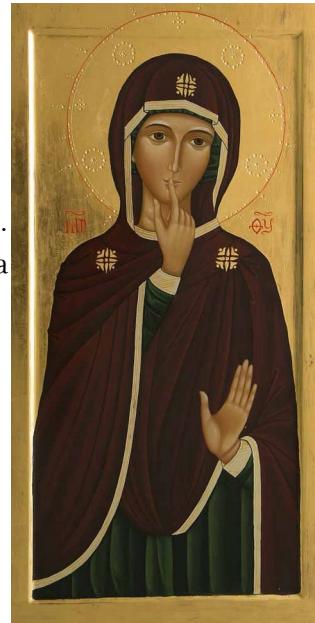
e ausência de sombra tem propósito espiritual. Tudo aponta para o **mistério da transfiguração**. O foco é contemplação, não narrativa.

O olhar das figuras é fixo porque **vem do eterno agora**; o espaço é invertido porque você é quem entra na cena

O contraste é simples: no ocidente, o divino passa **pelo filtro do humano**; no oriente, o humano se coloca como **veículo da presença**, deixando o divino falar por si mesmo.

Se pender demais pro ocidente, vira pintura religiosa. Se pender demais pro oriente, vira teologia pura, quase fria pra quem não é iniciado. O equilíbrio exige **consciência espiritual e domínio técnico**.

Depois de percorrer esses caminhos — o silêncio pensado, vivido, revelado e representado — resta a pergunta final: **como praticá-lo?**



Ícone – Madonna del Silenzio

O silêncio autêntico não é ausência, é presença dirigida.

O silêncio monástico não é um “mutismo disciplinado”. É uma arquitetura de tempo e espaço que obriga o sujeito a se confrontar com o próprio barulho. Os monges não fogem do mundo; eles o filtram porque o foco é o ritmo e não o conteúdo.

1. Silêncio exterior

A regra é simples: fala-se apenas o necessário, no tom adequado e quando o ofício exige. O som que mais se ouve é o da vida: passos, páginas virando, respiração, vento no claustro. A ausência de ruído é pedagógica — ensina que cada palavra deve ter peso.

2. Silêncio interior

Aqui começa o combate real. Quando o corpo cala, a mente grita. O treino é perceber o ruído sem alimentá-lo. O monge aprende a **não dialogar com os pensamentos**: ele os reconhece, mas os entrega a Deus.

É o “vigiar o coração” dos Padres do Deserto. A meta não é *esvaziar-se*, mas **ordenar-se**.

3. Silêncio espiritual (*hesychia*)

A meta final é a paz que nasce da presença de Deus. Não é anestesia emocional. É lucidez sem ruído. Nessa etapa, o monge respira e reza juntos — o corpo entra na oração.

O ritmo da respiração acompanha a invocação:

Inspirar: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”

Expirar: “tem piedade de mim, pecador.”

É uma oração contínua, quase orgânica. O ar que entra lembra o Espírito que dá vida; o que sai carrega a agitação, o controle, o ego.

Tradução prática para quem não vive em claustro:

- Escolher um momento fixo do dia (manhã ou noite).
- Sentar em silêncio, respirar no ritmo da oração curta.
- **Durante a respiração** (modo contemplativo)

Usa **uma frase curta**, extraída das orações ou da novena — algo que encaixe no fôlego:

Inspirar: “Mãe do Silêncio”

Expirar: “ensina-me a ouvir o Verbo.”

O corpo reza junto, e o silêncio fica “habitado”, não vazio.

NÃO TENTAR SENTIR NADA ESPECIAL — SÓ PERMANECER PRESENTE.

- **No final da prática** (modo devocional)

Depois de uns minutos de respiração e silêncio, aí sim **use uma das orações completas** do frei Andrenuzzi, ou a de Knock.

É o momento em que o silêncio “desabrocha” em palavra — como se Maria, que estava calada, finalmente dissesse algo. Teologicamente, é perfeito: Maria primeiro ouve, depois responde com o “*fiat*”.

A Espiritualidade do Silêncio é um caminho de silêncio, oração, docilidade e discernimento. As mãos da Virgem do Silêncio indicam simbolicamente este caminho:

Mão direita: Pare, Acalme-se, Espere



*Avezzano (L'Aquila) 08/05/2020
Santuário de Nossa Senhora do Silêncio
nas fotos de Fra Emiliano Antenucci
Ph: Cristian Gennari/Sicilianos*

Parar: todos nós corremos, para onde? Um místico escreveu: "Pare, para onde você está correndo? O céu está dentro de você; Se em outro lugar você o buscaPara sempre você o perde" (Angelus Silesius).

Pare para ficar quieto e orar, para aproveitar cada momento como um presente de Deus, para recomeçar a partir de cada derrota na vida, para parar para reinventar e criar coisas novas.

Acalma-te: Padre Pio costumava dizer: "Reze e espere, não se preocupe. A agitação não serve para nada. Deus é bom e misericordioso, Ele ouvirá sua oração".

Acalme-se, contra a ansiedade da eficiência, do ativismo e do futuro. Viver o momento presente é o segredo dos santos, sábios e artistas.

Espere: a verdade é feita' através do tempo, as obras de Deus são reveladas ao longo do tempo, as pessoas são manifestadas ao longo do tempo. O tempo é o verdadeiro critério de discernimento para descobrir trigo e ervas daninhas.

O santo bispo Dom Tonino Bello disse: "Espere: voz do verbo amar", porque a paciência leva tudo.

A mão esquerda aponta para o Silêncio e o Céu



*Avezzano (L'Aquila) 5-8-2020
Santuario della Madonna del Silenzio
nelle foto Fra Emiliano Antenucci
Ph: Cristian Gennari/Siciliani*

Silêncio: O silêncio é a língua de Deus, a língua do amor, o gemido dos santos, a caneta colorida dos artistas, a nota fundamental dos músicos, a brisa leve do vento, o canto da natureza, o sussurro dos anjos, o pulsar do coração, o último grito do falecido.

Maria, Virgem do silêncio, mestre e mãe espiritual, ensina-nos a abrir o dom do silêncio para ouvir a Deus e permanecer calados para não cairmos na tentativa de fofocar sobre os outros, invejar e caluniar.

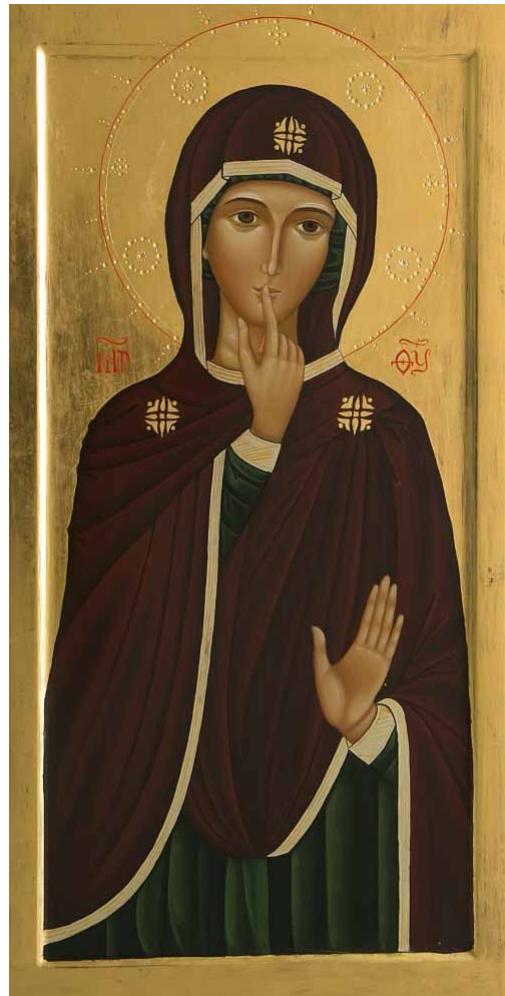
Céu: São Paulo excreve: "Se, pois, ressuscitaste com Cristo, busca as coisas lá de cima, um Cristo está sentado à direita de Deus; volta os seus pensamentos para as coisas lá de cima, não para as da terra. Pois você está morto e sua vida está escondida com Cristo em Deus!"(Coluna 3,1-3).

Do céu viemos e ao céu voltam: esta é a realidade cristã que nos enche de profunda alegria.

Consagração à Virgem do Silêncio

Padre Emiliano Antenucci - com aprovação eclesiástica

Ó Maria, Virgem e Mãe do Silêncio,
Eu consagro minha vida inteira a você.
Dignai-vos a imprimir no meu coração o rosto do vosso
Filho Jesus,
morto e ressuscitado para mim.
No alegre anúncio do anjo você disse “Fiat”,
no casamento em Caná você me ensinou a fazer tudo o que
o Senhor diz;
debaixo da cruz me deste o exemplo da união com Jesus
obediente ao Pai.
Virgem do Silêncio, canal da graça,
dê-me todos os dias a força da conversão sincera
e de vocação estável.
Maria, orvalho da Beleza divina,
faça de mim uma obra-prima de santidade,
feito ao alto preço do sangue de Cristo.
Ó Maria, Catedral do Silêncio,
esta oração ressoa em mim':
“Não tenha medo, pois você é meu filho e é amado pelo Pai
celestial.”
Santa Maria, âncora da salvação, ponte entre o céu e a terra,
guia-me juntamente com os anjos e santos
para construir o Reino de Deus na terra,
para que ele possa viver na presença constante dos Ss.
Trindade
e desejo pelos outros e por mim
a paz e a alegria sem fim da Jerusalém celestial.
Amém



Oração às 12 Virtudes do Silêncio

SILÊNCIO. . Ó Maria, Virgem do Silêncio, peço-te o dom do silêncio interior, para que ouças a voz de Deus em mim. Avenida Amém ou Maria...

EU ESCUTO. Ó Maria, Virgem da Escuta, dá-me fé para ouvir e praticar a Palavra da Cruz e a Luz do Teu Filho Jesus. Avenida Amém ou Maria...

HUMILDADE. Ó Maria, Nossa Senhora da Humildade, sou uma mistura de terra e céu, dá-me docura para com o próximo e santa humildade para com Deus. Avenida Amém ou Maria

ALEGRIA. Ó Maria, Mãe da nossa Alegria, que a minha alma engrandeça as maravilhas do Amor de Deus. Avenida Amém ou Maria...

ATENÇÃO. Ó Maria, Virgem Atenta ao Filho de Deus, faze-me atenta a Deus e aos irmãos e irmãs que me rodeiam. Avenida Amém ou Maria...

ESPERE. Ó Maria, Virgem da Espera, que ela saiba esperar os tempos de Deus com paciência e perseverança, para que a vontade de Deus em mim se cumpra sozinha e exclusivamente. Avenida Amém ou Maria...

EQUILÍBRIO. Ó Maria, Virgem do Equilíbrio, dá-me equilíbrio entre silêncios e palavras, descanso e trabalho, oração e apostolado. Avenida Amém ou Maria...

DOCILIDADE. Ó Maria, Virgem da Docilidade, põe no meu coração o Teu Coração de “mãe celestial” e o Coração do Teu Filho gentil e humilde, obediente no abandono ao Pai celestial. Amém. Salve ou Maria...

ESTABILIDADE. Ó Maria, Virgem da Estabilidade, peço-te a estabilidade do coração e da mente, para que todos os dias eu possa tomar a minha cruz no caminho do Calvário e do Tabor. Avenida Amém ou Maria...

PUREZA. Ó Maria, Virgem Pura, dá-me um coração puro, cheio de ternura e amor sincero para com todas as criaturas. Avenida Amém ou Maria...

CONFIAR. Ó Maria, Mãe da Confiança, tira de mim o desânimo e a tristeza, em vez disso incute paz, alegria e esperança, para que a confiança em Deus possa fazer milagres. Amém Ave Maria...

MISERICÓRDIA. Ó Maria, Mãe da Misericórdia, debaixo do Teu Manto coloco toda a minha vida, que seja um instrumento de paz, perdão e misericórdia. Amém

Salve ou Maria...

Os arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, anjos e santos rezam por nós e conosco.

Termina com a oração ejaculatória (Jesus, Maria, salve as almas!) repetido para uma coroa de rosário (50 vezes), depois reza-se de acordo com as intenções do papa e da Igreja com Pater, Ave, Glória. Por fim, o sinal da cruz é desenhado na testa, na boca e no coração. Amém

Novena à Virgem do Silêncio

Confie em Maria, uma confiança sem limites; ela estende a mão como Mãe para você, olha para você com os olhos, toda cheia de misericórdia, encoraja você com sua voz compassiva, abre para você seu coração, que tanto sofreu por você. Você sabe o quanto ela te ama, ou melhor, você não, já que ela te ama mais do que você pode imaginar. (F. Pollien, Cartuxo)

Esquema: Invocação ao Espírito Santo, Angelus, Oração do Dia da Novena e Oração Silenciosa-Meditativa sobre o “Fruto” do Silêncio (Confiança, Escuta, Humildade, Unidade, Esperança, Libertação, Paz, Alegria, Amor).

CONFIAR. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Mãe da Confiança, afasta o desânimo, o desespero e a preguiça, para que ponha a minha vida em ordem e me comprometa todos os dias a realizar o Projeto de Amor que o Teu Filho Jesus tem por mim. Amém

EU ESCUTO. Ó Maria, Virgem do Silêncio e da Escuta, derramo no Teu Coração e no do Teu Filho Jesus rebelião, surdez espiritual e desobediência à vontade de Deus. Ó Mãe da Luz, dá-me uma mente aberta à Graça, um coração dócil e dilatado ao amor, e uma vontade pronta para responder aos convites de Deus. Amém

HUMILDADE. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Madona da Humildade, eu sou “misturada com a terra e o céu”, dá à minha alma para deixar “fertilizar-se” do mistério da Encarnação, para que ela possa dar frutos de luz e amor aos outros. Amém

UNIDADE. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Mãe da Unidade, meu coração e minha vida estão dilacerados e despedaçados pelo pecado, pelo ódio e pela morte. Mãe da Consolação, dá-me para ser instrumento de paz e unidade em cada momento presente. Amém

TER ESPERANÇA. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Mãe da Esperança, afasta a falta de fé, esperança e caridade. Dê-me “olhos interiores” para olhar tudo com pureza, com bondade e com otimismo, para que eu possa ver Deus em cada pessoa e história diária. Amém

LIBERTAÇÃO. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Rainha das Vitórias, livra-me de todos os males passados, presentes e futuros e dá-me um coração livre para cantar as maravilhas do Amor de Jesus e a proteção do Teu Manto celestial, Maria. Amém

PAZ. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Rainha da Paz, dá paz aos nossos corações, lares, famílias e comunidades. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que ele ama. Sempre ressoa dentro de nós este anúncio dos anjos para o nascimento do Rei da Paz. Amém

ALEGRIA. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Mãe da Alegria, afasta a tristeza, a mediocridade e a superficialidade. Alegra-te, Maria... (todos podem dizer silenciosamente o seu nome). A saudação do Arcanjo Gabriel abre nossos olhos para a Luz todas as manhãs e ilumina nossos rostos e os rostos daqueles que encontramos ao longo do caminho da vida. Amém

AMOR. Ó Maria, Virgem do Silêncio e Mãe do Belo Amor, ensina-nos o Amor verdadeiro, livre e eterno. Dê-nos um olhar amoroso que nos abra à vida, à criação e à beleza. Amém

ORAÇÃO:

Santa Maria, Virgem do silêncio e da paz misteriosa: aflita, forte, fiel, espera junto ao sepulcro, onde se cala o Verbo e jaz o Santo de Deus. Espere atentamente que a Luz flua da escuridão, que a Vida brote da terra. Espere o amanhecer do dia sem pôr do sol, a hora do nascimento da nova humanidade.

Espera para ver no Filho ressuscitado o novo rosto do homem redimido, para ouvir a nova saudação da paz, para cantar o novo cântico da glória. Virgem do Espírito, ícone da Igreja, implora-nos a tua fé na Palavra, a tua esperança no Reino, o teu amor a Deus e ao homem. A ti, gloriosa Mãe de Deus, bendita pela fé, mulher de imensa piedade, nosso eterno e grato louvor. Amém

Oração à Virgem do Silêncio

Ó Maria, Virgem e Catedral do Silêncio,
Eu consagro minha vida inteira a você.
Mãe da oração contínua, tu és o ventre
do nosso louvor, para que adoreis a Palavra infantil e
o Cordeiro imaculado e morto para nossa salvação.
Apoia-me em levantar as mãos para o céu, para engrandecer
o Senhor, resista aos ataques do inimigo e
trazer as alegrias e o trabalho dos homens de hoje.
Fonte de alegria e estrela anunciando o nascer
do Sol, ilumine o caminho cristão abrindo-me
sempre os olhos do coração para a maravilha da Luz da Vida.
Maria, testamento de Amor debaixo da cruz, ajuda-me
amar como Deus quiser, para que ele possa viver
em eterna bem-aventuração junto com os anjos e santos. Amém

Oração a Nossa Senhora do Silêncio (Teofania em Knock)

Mãe do Silêncio e da Humildade, tu vives perdida e encontrada no mar sem fundo do Mistério do Senhor. Tu és disponibilidade e receptividade.

Tu és fecundidade e plenitude.

Tu és atenção e solicitude pelos irmãos.

Estás revestidas de fortaleza.

Resplandecem em ti a maturidade humana e a elegância espiritual.

És senhora de ti mesma antes de ser nossa Senhora.

Em ti não existe dispersão.

Em um ato de simples e total, tua alma, toda imóvel, está paralizada e identificada com o Senhor.

Estás dentro de Deus, e Deus dentro de ti. O Mistério total te envolve e te penetra e te possui, ocupa e entrega todo o teu ser.

Parece que em ti tudo ficou parado, tudo se identificou contigo: o tempo, o espaço, a palavra, a música, o silêncio, a mulher, Deus. Tudo ficou assumido em ti, e divinizado.

Jamais se viu figura humana de tamanha doçura, nem se voltará a ver nesta terra uma mulher tão inefavelmente evocadora. Entretanto, teu silêncio não é a ausência, mas presença. Estás abismada no Senhor e ao mesmo tempo atenta aos irmãos, como em Caná. A comunicação nunca é tão profunda como quando não se diz nada, e o silêncio nunca é tão eloquente como quando nada se comunica.

Faze-nos compreender que o silêncio não é desinteressante pelos irmãos, mas fonte de energia e de irradiação, não é encolhimento mas projeção. Faz-nos compreender que, para derramar, é preciso preencher-se. Afoga-se o mundo no mar da dispersão, e não é possível amar os irmãos com um coração disperso. Faze-nos compreender que o apostolado, sem silêncio, é alienação, e que o silêncio, sem apostolado, é comodidade.

Envolve-nos em teu manto de silêncio e comunica-nos a fortaleza de tua fé, a altura de tua Esperança e a profundidade de teu Amor.

Fica com os que ficam e vem com os que partem. Ó Mãe Admirável do Silêncio! Amém.